

Cenário econômico para o planejamento das empresas em 2017

Buscamos elencar algumas macrotendências que podem ajudar as empresas na difícil tarefa de planejar um ano de muitas incertezas.

Confiança da indústria gaúcha atinge o maior nível em 42 meses

Produção cresce em agosto e expectativas mantêm tendência positiva

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Cenário econômico para o planejamento das empresas em 2017

Buscamos elencar algumas macrotendências que podem ajudar as empresas na difícil tarefa de planejar um ano de muitas incertezas.

A avaliação dos principais elementos do cenário macroeconômico é uma ferramenta essencial para o planejamento empresarial. Entender a expectativa para o comportamento das principais variáveis pode ser fundamental para que oportunidades sejam aproveitadas e rotas sejam corrigidas em tempo hábil.

As projeções de mercado, atualmente, apontam para um crescimento para a economia brasileira de 1,3% em 2017, nesse cenário a produção industrial seria 1,1% maior. Para 2018, as projeções apontam a continuidade deste processo, sendo que o crescimento pode chegar a 2,3%, com a indústria avançando 2,25%. Entretanto, a alta capacidade ociosa na indústria e o elevado contingente de trabalhadores disponíveis, levam analistas a arriscar previsões mais otimistas que contemplam uma recuperação mais acentuada na medida em que as empresas ocupem os recursos disponíveis. Aqueles que seguem essa linha, apontam a possibilidade de crescimento acima de 2% em 2017, e próximo a 4% em 2018. Este pode ser a primeira oportunidade a ser considerada no planejamento: o crescimento pode vir acima do que se espera.

Contudo, precisamos fazer a ressalva de que passado esse momento inicial de recuperação, haverá severas restrições para sustentar o crescimento no longo prazo. Durante um processo de retomada podemos conseguir ocupar a capacidade ociosa e crescer com uma boa velocidade. Porém, haverá um limite acima do qual seremos punidos pelo atraso dos últimos anos. Por exemplo, para a indústria de transformação do RS voltar ao mesmo patamar de outubro de 2013 – nível mais alto dos últimos anos –, ela precisará crescer 29,4%.

As perspectivas para o mercado de trabalho ainda são negativas. Nos últimos anos, a baixa qualificação e o alto custo da mão de obra foram problemas sérios para todas as empresas. Com a atual legislação trabalhista é racional operar com o menor número de trabalhadores possível. Diante desse cenário, houve a necessidade de que as empresas melhorassem processos e buscassem tecnologias que demandassem menos trabalhadores. Para que se inicie um ciclo mais longo de aumento nas contratações precisamos de uma retomada mais robusta na economia, principalmente puxada por novos investimentos. Portanto, em que pese o saldo positivo de contratações esperado para 2017, levará alguns anos para que o estoque de trabalhadores volte aos níveis pré-crise.

Por sua vez, o mercado de crédito tende a ser sensivelmente melhor, tanto para as empresas quanto para as famílias. O ciclo de queda na taxa de Selic, a ser iniciado nos próximos meses, ajudará nas emissões de títulos e na obtenção de crédito para capital de giro e

investimentos, que desde 2015 ficaram bastante restritas. No caso das famílias, o menor nível de endividamento e de comprometimento da renda pode representar um alívio para os setores do varejo mais dependentes de crédito, como as linhas branca e marrom. No entanto, é imperioso salientar que a expansão da renda será em velocidade muito inferior ao observado nos últimos anos.

Diante de projeção pouco favorável para o mercado de trabalho e para a renda das famílias, as atividades ligadas ao mercado interno, principalmente ao consumo das famílias, devem mostrar uma resposta mais lenta em relação ao ciclo de recuperação da economia. Os segmentos ligados ao varejo com um *ticket* mais baixo sofreram menos durante a crise e podem mostrar sinais de melhora com mais rapidez. Porém, para os próximos anos, a tática de expansão dessas empresas deve sofrer alteração, se no passado recente a estratégia era atrair o consumidor num mercado em expansão, agora a concorrência tende a ser mais acirrada e o crescimento dependerá da conquista de fatias de mercado dos demais competidores.

Para o setor de Construção de edificações e o moveleiro o cenário também não será muito diferente, tendo em vista que o consumo continuará em ritmo mais lento. Com relação ao segmento de Obras de infraestrutura, os sinais são mistos. Por um lado, os investimentos diretos do Setor Público continuam com expectativas negativas, tendo em vista a dificuldade dos governos de adequar as despesas a um novo patamar, mais baixo, das receitas. Em contrapartida, a resistência dos governos e da população às concessões e privatizações estão menor, o que pode significar maiores investimentos no médio prazo, mas ainda com baixo impacto em 2017.

Outro segmento importante da indústria engloba todas as cadeias ligadas à indústria automobilística. Os desafios para esses segmentos continuarão imensos, tendo em vista que o setor conta com uma capacidade de produção instalada próxima a 5,05 milhões de unidades e pode fechar o ano tendo produzido menos de 2 milhões de unidades. O mercado permanecerá menor e as empresas que conseguirem crescer o farão pela via do mercado externo, ou através da captura de mercado dos seus concorrentes.

Por fim, mais uma vez a expectativa é que o setor agropecuário seja a salvação da lavoura. Conforme dados da Conab, a safra de grãos de 2016/17 tem previsão de ficar entre 210,5 e 214,8 milhões de toneladas, um avanço em relação safra de 2015/16, que colheu 186,3 milhões de toneladas. Portanto, no pior cenário, o crescimento será de 13%.

Confiança da indústria gaúcha atinge o maior nível em 42 meses

Em setembro, o Índice de Confiança do Empresário do Industrial gaúcho (ICEI/RS) manteve a trajetória ascendente e aumentou 2,7 pontos em relação a agosto, atingindo 55,4 pontos, o maior valor desde março de 2013 (56,9 pontos). Em cinco meses, o índice cresceu 15,9 pontos, revelando confiança - acima dos 50 pontos - pelo segundo mês consecutivo após 28 meses.

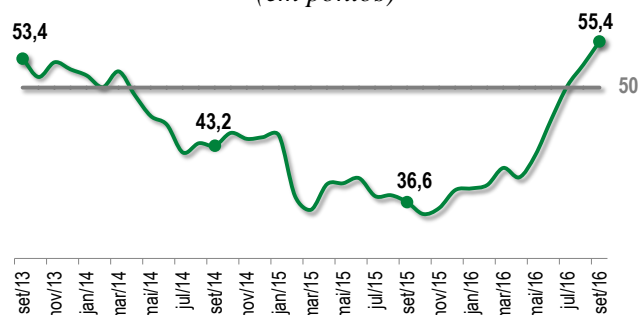
Em setembro, o Índice de Condições Atuais cresceu 3,4 pontos ante agosto, alcançando os 48,0 pontos. Embora permaneça indicando piora (abaixo de 50), essa foi a maior pontuação desde novembro de 2013 (48,3 pontos). A percepção melhorou principalmente em função da avaliação sobre a economia brasileira (46,5 pontos), cujo índice aumentou 5,6 pontos na passagem mensal e 25,2 em relação a abril. A proporção de empresas avaliando a economia como melhor aumentou de abril para setembro de 1,2% para 26,6%, enquanto a parcela que a avalia como pior diminuiu de 82,4% para 36,3%. O indicador de condições atuais das empresas subiu 2,4 pontos, atingindo 48,8 pontos em setembro.

Do ponto de vista das expectativas para os próximos seis meses, o índice passou de 56,9 em agosto para 59,2 pontos em setembro, o maior valor desde março de 2013 (60,5 pontos). A evolução do índice nos últimos cinco meses, que acumulou uma alta de 16,2 pontos, demonstra um otimismo crescente dos empresários gaúchos, particularmente com a economia brasileira. De fato, o índice para a economia brasileira foi de 56,7

pontos em setembro, sendo 5,2 e 25,9 pontos a mais do que em agosto e abril, respectivamente, revelando ainda um grau de otimismo que não era percebido desde fevereiro de 2013 (56,7 pontos). A proporção de empresas prevendo melhora em setembro foi de 44,9%, contra 6,2% em abril, enquanto a parcela das prevendo piora foi de 17,4%, contra 60,4%. O índice de expectativas para as empresas passou a 60,7 pontos em setembro, ou seja, otimismo para os próximos meses.

O ICEI/RS de setembro confirma o resgate da confiança industrial gaúcha, causado pelo otimismo crescente com a economia nacional diante do desfecho da crise política, das perspectivas de solução para a crise fiscal e de avanços nas reformas estruturais. Vale salientar que esse movimento é compatível com a tendência de arrefecimento do ciclo recessivo em curso, podendo ainda sustentar perspectivas de estabilização para o setor no curto prazo.

ICEI/RS
(em pontos)



Fonte: UEE/FIERGS.

Produção cresce em agosto e expectativas mantêm tendência positiva

De acordo com a pesquisa Sondagem Industrial do RS, a produção industrial gaúcha cresceu em agosto, com o índice atingindo os 52,9 pontos. Valores acima de 50 representam aumento em relação ao mês anterior. Esse foi o crescimento mais intenso (maior valor) desde fevereiro de 2014 (54,2 pontos).

O indicador de emprego (47,1 em pontos) revelou queda em relação a julho, mas foi a menos intensa desde maio de 2014 (48,4 pontos). Este indicador não demonstra crescimento (acima de 50) desde março de 2014 (52,7 pontos).

A ociosidade no setor continuou grande em agosto. O índice de utilização da capacidade instalada (UCI) em relação ao usual ficou em 39,9 pontos no mês, ante 36,3 pontos em julho, mostrando que se aproximou, mas manteve-se distante da UCI considerada usual no mês pelos empresários.

O dado mais negativo do mês foram os estoques, que voltaram a ser um problema para a indústria gaúcha. O índice em relação ao planejado pelas empresas subiu de 50,6 para 52,8 pontos, revelando acúmulo, por estar acima dos 50. Esse fato não ocorria desde março de 2016, quando, após um longo período de ajuste, o setor eliminou seus estoques excessivos.

Já as expectativas dos empresários gaúchos

continuaram melhorando em setembro, com a elevação em todos os indicadores. Pelo quarto mês consecutivo, a projeção para a demanda futura avançou e há três meses superou a marca divisória dos 50 pontos, atingindo em setembro 57,4 pontos, o maior valor desde março de 2014 (58,3 pontos). Quanto mais acima dos 50 pontos, maior e mais disseminada entre as empresas é a projeção de crescimento. O índice de expectativa de compras de matérias-primas repercute as projeções positivas para a demanda, avançando para 54,1 pontos no mês. O índice de expectativa de emprego, no mesmo sentido, em expansão desde maio de 2016, alcançou 48,8 pontos em setembro, mas ainda indica contração. A trajetória ascendente desse indicador demonstra um ritmo cada vez menor de queda e mais próximo da estabilidade (50 pontos).

As perspectivas de exportações da indústria gaúcha para os próximos seis meses subiram para 54,4 pontos em setembro, ante 53,8 pontos em agosto, e continuam sinalizando crescimento nos próximos seis meses. A intenção de investimento aumentou de 39,1 pontos em agosto para 40,8 em setembro, alcançando o maior valor em oito meses. Esse desempenho não altera a baixa pretensão da indústria gaúcha de investir no curto prazo, diante da alta ociosidade.